

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *OS ANOS* DE ANNIE ERNAUX

Juscimara Andrade

Universidade Federal de São João del-Rei

(juandrade.85@hotmail.com)

Resumo

Este artigo analisa o uso das descrições de fotografias na construção do livro *Os Anos* (2021), de Annie Ernaux, vencedora do Nobel de Literatura 2022, estabelecendo um diálogo entre as fotografias descritas na obra e os eventos históricos que marcaram as últimas seis décadas do século XX. A obra narra suas experiências pessoais ao longo desse período por meio de descrições fotográficas que desempenha um papel central na estrutura da narrativa, entrelaçando suas memórias com eventos históricos e o tempo, criando uma conexão entre eles. A análise foi fundamentada em uma revisão bibliográfica, apoiando-se em autores como Aleida Assmann (2011), Roland Barthes (1984) e Jacques Le Goff (1990), que abordam a memória cultural, a natureza da fotografia e o papel da memória na construção das narrativas históricas. A análise investiga como as descrições das imagens se tornam testemunhos visuais da memória individual relacionada à memória coletiva, revelando transformações sociais, políticas e culturais. Conclui-se que a fotografia, enquanto documento, é essencial para a preservação da memória individual e coletiva, sendo uma testificação diante do passado.

Palavras-chave: História; Memória; Fotografia; Annie Ernaux.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Juscimara Andrade

Juscimara Andrade é formada em Letras e Pedagogia e mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela UFSJ. Com sete anos de experiência na área educacional, desenvolve projetos voltados para leitura e formação de jovens leitores. Dedicar-se ao estudo e à escrita como práticas de ampliação cultural e acadêmica.



lattes.cnpq.br/3250517726815756



orcid.org/0009-0000-5909-0184

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *OS ANOS* DE ANNIE ERNAUX

Juscimara Andrade

Universidade Federal de São João del-Rei

(juandrade.85@hotmail.com)

Considerações iniciais

Com o avanço tecnológico e a sensação de que o tempo está cada vez mais acelerado fruto do estilo de vida contemporâneo, é evidente que nossos hábitos e formas de viver também estejam em transformação. Nesse contexto, surgem questões fundamentais para refletirmos: como essas mudanças afetam nossa percepção da história? Como relacionamos fatos históricos com memórias individuais? Como armazenamos nossas lembranças e qual é a nossa relação com elas?

Para ilustrar o exposto acima, apresentamos uma análise do livro de Anne Ernaux, *Os anos*, lançado em 2008, em que a autora explora a conexão entre memória e tempo, entrelaçando-a com eventos históricos. Sua escrita transcende a experiência individual, refletindo a história coletiva por meio de fotografias pessoais para situar suas memórias no tempo e permitir um estudo das transformações sociais, culturais e tecnológicas ao longo das últimas seis décadas do século XX.

Além disso, Ernaux oferece uma reflexão filosófica sobre o valor dos objetos e a preservação das memórias, tanto individuais quanto coletivas, e traça um paralelo entre essas esferas, revelando como as lembranças pessoais são moldadas pelo contexto histórico. Sua obra nos convida a romper com a narrativa tradicional da história contada pelos historiadores, apresentando uma visão construída a partir das suas próprias experiências e vivências.

Optamos por realizar uma pesquisa narrativa do romance autobiográfico de Ernaux pela posição de destaque da autora na literatura contemporânea francesa, celebrada por suas obras autobiográficas que abordam temas como classe social, sexualidade, relações interpessoais, desigualdades e, especialmente, a interação entre tempo e memória. Ernaux é

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

uma autora premiada, tendo recebido o Prêmio Marguerite Duras, o Prêmio François Mauriac, entre outros. A tradução de *Os Anos* para o inglês foi indicada ao *Man Booker International* e, em 2022, ela recebeu o Prêmio Nobel da Literatura.

Para aprofundar nossa análise, recorreremos aos pensamentos de autores consagrados, tais como Assmann, Barthes, Le Goff, Campos e Teixeira. Aleida Assmann, em sua obra *Espaços da recordação*, contribui significativamente para a compreensão de como as sociedades moldam suas memórias, utilizando conceitos como "memória transnacional", que examina como elas cruzam fronteiras nacionais e influenciam identidades coletivas. A autora também destaca o papel da memória na interação com o poder e na sua constante reformulação, não apenas por indivíduos, mas também por grupos, sociedades e nações, visto que entrelaça memória individual e coletiva de forma complexa e profunda. Além disso, e igualmente relevante para esta investigação, Assmann estabelece a relação entre memória e esquecimento que certos acontecimentos geram nos indivíduos, grupos e sociedades.

No que diz respeito à fotografia, Roland Barthes (1984) analisa-a criticamente em sua obra *A câmara clara* (1980), argumentando que ela está intimamente ligada ao momento em que foi capturada, trazendo à tona a irreversibilidade do tempo e a dualidade entre o presente e o passado. Esse conceito complementa a obra de Ernaux, que utiliza descrições de fotografia para registrar e refletir sobre a memória e o tempo.

Na obra, Barthes traz uma reflexão profunda sobre a teoria crítica da fotografia, apresentando um significado subjetivo e incomum do tema e trazendo simplicidade e fluidez na busca pela natureza dessa arte. Ele procura compreender os vários sentidos que a fotografia pode ter e, principalmente, quais sentidos mudam de acordo com cada observador.

Nesse sentido, Barthes afirma:

A Fotografia pertence a essa classe de objetos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vidraça e a paisagem, e por que não: o Bem e o Mal, o desejo e seu objeto: dualidades que podemos conceber, mas não perceber (eu ainda não sabia que, dessa teimosia do Referente em estar sempre presente, iria surgir a essência que eu buscava. (1984, p. 16)

Assim, não é possível dissociar a fotografia do instante que a gerou, pois ela encapsula, de maneira irremediável, um momento único e efêmero que, uma vez registrado, torna-se imortalizado na imagem. A fotografia, ao capturar a fugacidade do tempo, converte-se em um elo entre o presente e o passado, congelando o que é irrepitível. Ela carrega, em sua essência, a impossibilidade de reviver o momento representado, sendo simultaneamente um testemunho e um memorial de algo irrecuperável, um instante que só existe agora, no papel,

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

na luz e nas sombras projetadas. A fotografia, então, torna-se mais do que uma simples imagem: ela exprime uma metáfora do tempo e da memória, imortalizando a dualidade do que pode ser visto e do que já passou.

Com Jacques Le Goff, a relação entre história, memória e tempo é apresentada como um vínculo essencial para a formação do que chamamos de passado. O autor explica que

a cultura (ou mentalidade) histórica não depende apenas das relações memória-história, presente-passado. A história é a ciência do tempo. Está estritamente ligada às diferentes concepções de tempo que existem numa sociedade e é um elemento essencial da aparelhagem mental dos seus historiadores. (1990, p. 53)

Essa reflexão destaca a importância da memória na construção da história, sugerindo que tanto a memória coletiva quanto a história científica se aplicam a dois tipos fundamentais de materiais: os documentos e os monumentos. Esses elementos não são apenas registros do passado, mas também instrumentos que moldam a forma como compreendemos o tempo e as transformações que nos precederam. Assim, a memória, ao interagir com a história, permite a construção de uma visão mais complexa e multifacetada do passado (LE GOFF, 1990).

Fotografia e Autobiografia

Em *Os anos*, Ernaux descreve algumas fotografias que retratam histórias de sua vida e se tornaram o foco de nossa análise. A única fotografia presente no livro está na capa. Dentro dele, ela usa apenas descrições desses retratos. Essas imagens, além de sua descrição pessoal, também carregam o conteúdo histórico que as circunda, oferecendo uma janela para o contexto social e político de cada momento retratado.

Com um estilo autobiográfico que difere das convenções tradicionais, a autora opta por uma narrativa objetiva, em contraste com a maioria dos autores que preferem escrever em primeira pessoa. A autora francesa "demonstra um anseio por contar sua história de maneira clara, direta e impessoal, observando o impacto que o mundo, por meio de suas experiências, foi capaz de imprimir em sua própria existência" (CAMPOS, 2022, p. 38).

Ao longo da obra, Ernaux também faz uso da primeira pessoa do plural, em certos momentos, criando uma conexão mais ampla e, ao mesmo tempo, coletiva com o leitor. Já em partes mais específicas de sua narração, ela usa a terceira pessoa do singular. Lembramos que, em momento algum, a autora se coloca no centro da própria história, mesmo sendo uma

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

autobiografia. Ela enfatiza, por meio de suas lembranças, como o cotidiano da família foi mudando conforme as mudanças vividas pela sociedade. Ela aborda, também, temas sobre política, economia e cultura.

Em *Os Anos*, as fotografias são apresentadas em uma sequência cronológica, acompanhadas de uma linha do tempo histórica. Ao escolher descrever as imagens em vez de exibi-las, Ernaux direciona o nosso olhar para o que deseja enfatizar, mantendo o controle sobre a interpretação das cenas. Isso pode refletir seu desejo de que o romance se construa apenas pela palavra escrita, sem a mediação das fotografias, buscando estabelecer um distanciamento do "eu" e priorizando a reflexão sobre a experiência vivida.

Na descrição de uma foto de julho de 1955, a autora explica um pouco a relação entre suas vivências, as fotografias e a história:

É por meio das percepções e sensações vividas por esta adolescente morena de óculos de catorze anos e meio que a escrita aqui pode registrar parte dos acontecimentos que perpassavam os anos 1950 e captar o reflexo da história coletiva projetado na tela da memória individual. (ERNAUX, 2021, p. 47)

Independentemente da intenção da autora em usar apenas as descrições das fotografias, o livro inicia com a narração de uma foto sua quando criança:

Um bebê gorducho fazendo beicinho, com cabelos castanhos presos em formato de rolo por cima da cabeça, está sentado, seminu, em uma almofada sobre uma mesa de madeira entalhada. O fundo nublado, a guirlanda da mesa, a camisa bordada levantada na barriga com a alça caída no ombro sobre o braço rechonchudo – a mão do bebê cobre o sexo – buscam representar um cupido ou um anjinho de pintura (...) deve datar de 1941. (ERNAUX, 2021, p. 16)

Em seguida, outra fotografia, datada de 1944, acompanha duas descrições adicionais sobre a mesma criança, que continuam nas páginas seguintes. A narrativa avança e a autora reconhece que "história familiar e história coletiva são uma única coisa" (ERNAUX, 2021, p. 23). Ela utiliza as lembranças que tais fotos fazem surgir para narrar cenas comuns do cotidiano, e assim, mostrar as mudanças na sociedade diante dos encontros familiares que também sofrem mudanças de acordo com o comportamento da coletividade.

Ao estudar sobre fotografia, Barthes reflete sobre a intimidade subjetiva que se estabelece entre quem observa a foto a partir dos olhos de quem a fotografa (1984), ou seja, é sobre o que ela nos provoca ao ser observada. Na obra de Ernaux, as imagens não são vistas

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

“pelo olhar de” quem está observando e, sim, pelo olhar da autora. Mesmo assim, somos tocados pela foto (descrição) a partir da relação estabelecida entre imagem, leitor e autora

Os Anos, de Annie Ernaux, possui uma narrativa que está impregnada de subjetividade ao evocar lembranças e emoções através das descrições de fotos. A narrativa se inicia com a afirmação de que todas as imagens vão desaparecer, o que se segue é que ao narrar essas fotografias talvez elas não sejam perdidas.

Um trecho que exemplifica essa subjetividade é a descrição de imagens que marcaram sua vida: “Todas as imagens desaparecerão. A de uma mulher agachada urinando em plena luz do dia atrás de uma barraca que servia café à beira das ruínas, em Yvetot, depois da guerra, ia vestindo a calcinha já de pé com a saia levantada e voltava para o café” (ERNAUX, 2021, p. 7). Essa imagem descrita é uma, dentre tantas outras que Annie coloca em sua narrativa. São imagens que se entrelaçam para formar um panorama do tempo vivido.

Barthes explica também que a fotografia traz em si um paradoxo, o que ele chama de *punctum* (ponto de efeito), ou seja, posso conhecer melhor uma foto pela memória do que pelo momento que a observo; é como se, ao vermos uma foto, teríamos mais dificuldade de descrevê-la. Em suas palavras, esclarece:

às vezes acontece de eu poder conhecer melhor uma foto de que me lembro do que uma foto que vejo, como se a visão direta orientasse equivocadamente a linguagem, envolvendo-a em um esforço de descrição que sempre deixará de atingir o ponto de efeito, o *punctum*. (1984, p. 83)

A partir dessa perspectiva, não podemos interpretar a fotografia, conforme a descrição presente na obra de Ernaux, como um mero objeto, no qual os indivíduos nela retratados assumem o papel de figurantes desprovidos de intenção. A foto descrita pela autora permite que, por meio de seu olhar, acessemos as imagens e, ainda assim, construamos mentalmente as representações visuais a partir das descrições fornecidas, que atuam como estímulos à nossa imaginação. Além disso, os fatos contextualizados ao redor das imagens têm o potencial de despertar o nosso interesse pela narrativa, contribuindo para uma compreensão aprofundada do processo histórico vivido e estabelecendo uma conexão entre a imagem, sua descrição e o contexto social e temporal em que ela se insere.

A autora recorre ao artigo indefinido ao referir-se a si mesma, construindo, assim, não um “eu” particular, mas uma figura genérica, quase como um dispositivo de análise. Esse distanciamento nos permite reconstruir a imagem da fotografia e compreender como as transformações sociais, os hábitos moldados no pós-guerra e a introdução de novas tecnologias no cotidiano exercem um papel central em sua obra.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Reforçamos, portanto, que a fotografia em *Os Anos* não serve apenas como um registro visual, mas como um ponto de partida para a reflexão sobre a identidade e a memória, no contexto de uma narrativa maior. Barthes expõe os diversos lugares de valor da fotografia ao explicar sobre a essência desse objeto:

no momento de chegar à essência da Fotografia em geral eu bifurcava; em vez de seguir o caminho de uma ontologia formal (de uma Lógica), eu me detinha, guardando comigo, como um tesouro, meu desejo ou meu desgosto; a essência prevista da Foto não podia, em meu espírito, separar-se do “patético” de que ela é feita, desde o primeiro olhar. (1984, p. 39)

Enquanto, para Barthes, a fotografia é um objeto que desperta apego, para Ernaux, é um objeto usado para acionar suas lembranças por meio de descrições pessoais, envolvidas em um contexto histórico, que conferem distanciamento, subjetividade e privacidade.

Ernaux não esclarece se as cenas, especialmente aquelas da infância e adolescência, foram escolhidas intencionalmente ou se correspondem às únicas fotografias que possui. Independentemente disso, elas simbolizam os acontecimentos históricos vividos e a forma como a autora se distancia deles. Ao decidir não mostrar as imagens, Ernaux reforça seu significado, transformando-as em um ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre memória, identidade e história. Suas descrições envolvem o leitor, estabelecem conexões entre sua trajetória pessoal e o contexto histórico da época e ainda funcionam como uma crítica social aos costumes e crenças daquele período.

As imagens registram momentos, mas cabe a quem as apresenta determinar como serão descritas: se evocando uma memória individual ou coletiva ou se baseando no que se sabe ou infere. O objeto fotográfico, em si, permanece ali, seja em um arquivo pessoal, em uma revista ou onde quer que se disponha, desde que esteja acessível a alguém.

Possuir um arquivo que preserve a história também implica exercer poder sobre os eventos e a maneira como são narrados. No caso da obra de Ernaux, suas memórias, mediadas pelos arquivos pessoais, servem de ponto de partida para discutir o momento histórico e abordar questões políticas e sociais. Dentro do que ela própria prefere chamar de “biografia impessoal”, Ernaux explora a interseção entre literatura e política, utilizando a escrita como uma ferramenta de denúncia e reflexão sobre as desigualdades sociais.

Ao recorrer aos seus arquivos pessoais, ela não apenas compartilha sua experiência, mas também provoca uma análise crítica do contexto coletivo, revelando a intrínseca relação entre memória, poder e narrativa. Assmann explica a importância que os franceses dão aos arquivos:

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Uma mudança radical na estrutura do arquivo esteve ligada com a Revolução Francesa: a ruptura forçada com o passado feudal tornou inválidas as estruturas de direito e de administração anteriores e, com elas, a literatura que validava essa ordem. Documentos que perderam seu valor legal não eram destruídos, mas, pelo contrário, eram armazenados, pois ganharam a partir de então um novo valor como provas históricas. Depois de terem perdido sua função de legitimação, mantiveram seu valor como fontes para os historiadores. (2011, p. 368)

O que pode ser descartável para uma geração, pode-se revelar valioso para as próximas. Trata-se de uma relação profunda com a compreensão da importância da história e dos objetos que a registram, transformando-os em testemunhos essenciais para a preservação do passado e a construção de uma memória coletiva.

No caso da obra analisada, a autora utiliza seu arquivo pessoal, escrevendo de forma impessoal para abordar várias transformações sociais a partir de muitos acontecimentos históricos, mostrando, assim, como esses episódios moldam as lembranças individuais e, até mesmo, ditam comportamentos que comporão a personalidade de quem os vivenciou. Com esse acervo, Ernaux faz uma análise crítica ao tirá-lo do lugar de objetos ao que Assmann explica: “o arquivo adquire um significado de destaque como memória potencial ou pré-condição material para memórias culturais futuras” (2011, p. 369), além de um lugar de preservação.

Quanto à opção de Ernaux de produzir uma narrativa que ela própria define como impessoal, Campos (2022), em sua dissertação intitulada *A produção discursiva do sujeito autobiográfico*, explica de que forma o discurso é produzido pelo sujeito, buscando identificar as peculiaridades estilísticas da autora e verificando na obra traços dessa autobiografia impessoal. Campos faz uma análise:

Os Anos é uma obra autobiográfica em moldes um pouco diferentes dos habituais. O “eu”, pronome de primeira pessoa do singular, esperado usualmente, para esse gênero textual, cede lugar para o “ela” e o “nós”, trazendo, assim, para a narrativa, uma espécie de sujeito coletivo. Este ponto diferencia a obra de tantas outras narrativas autobiográficas e traz à tona a complexidade da produção discursiva do sujeito desde o nível da própria escrita. (CAMPOS, 2022, p. 14)

O conceito da narrativa desse sujeito coletivo também atesta nossa observação quanto à relação de Ernaux e suas fotografias dentro dessa obra:

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

[...] uma oportunidade de olhar para si mesma com a finalidade de compreender as transformações do mundo, de fazer memórias dos tempos vividos, de observar as mudanças ideológicas, as crenças, os anseios de cada época, bem como as inquietações, iterações no cenário político, inovações de cada momento. (CAMPOS, 2022, p. 13)

Percebemos o propósito dessa narrativa que se constrói, de maneira profunda e reflexiva, utilizando-se de memórias para contar a sua história e a de seu país, preservando-as.

Sobre memória, Assmann, ainda em seu texto *Espaços da recordação*, explica a relação entre a memória e o esquecimento, os quais não podem ser tratados isoladamente, visto que um só existe a partir do outro. Em outras palavras, é preciso reconhecer que memória e esquecimento formam um movimento inseparável, interligando-se de maneira complexa e essencial para a construção do passado e da identidade coletiva.

Além disso, Assmann, que pesquisou a relevância dos acervos de arquivos, destaca que “não há poder político sem o controle sobre os arquivos, sem o controle sobre a memória” (2011, p. 368) e explica que estes são “um armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções” (2011, p. 368).

Embora essa questão específica não seja foco deste estudo, ela não deixa de estar presente na preservação das fotografias de Ernaux. Em sua narrativa, ela descreve suas fotografias particulares, tornando-as públicas para traçar uma linha entre a sua existência e história com o período do pós guerra e com as mudanças na sociedade daquele período.

Ainda sobre memória, Maurice Halbwachs argumenta que nossas lembranças individuais são moldadas pelos grupos sociais aos quais pertencemos. Sua obra mais conhecida, *A Memória Coletiva*, explora como a memória não é apenas um fenômeno individual, mas sim um processo social influenciado por instituições, tradições e interações humanas. Esse processo pode ser percebido na narrativa de Annie, em que suas memórias individuais são perpassadas pelas memórias coletivas vividas entre a família e a sociedade daquele tempo.

Após descrever as primeiras fotografias de sua infância, datadas entre 1941 e 1944, período que antecede o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a autora rememora as reuniões familiares da época da guerra. Relata a visão dos pais com olhares perdidos e os relatos sobre o inverno rigoroso de 1942, quando as vítimas da guerra vasculhavam escombros em busca de fotografias e dinheiro. Ao concluir essa etapa, Ernaux explica que, como suas vidas estavam imersas em um cenário comum de fome e medo, as histórias foram

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

narradas com o uso do "nós", dos pronomes indefinidos e de construções impessoais, criando uma sensação de distanciamento e coletividade (2021, p. 18).

Em outra foto, datada de 1949, na época em que completaria nove anos, após a descrição, a autora menciona a dificuldade em saber o que se passava na cabeça daquela criança:

Sem dúvida, não há nada em sua cabeça que se ligue a acontecimentos políticos e faits divers, àquilo que mais tarde ficará claro que pertence à paisagem da infância, um conjunto de coisas sabidas e genéricas, Vincent Auriol, a guerra na Indochina, Marcel Cerdan, o campeão mundial de boxe, o "Pierrot le Fou", como ficou conhecido o primeiro inimigo público francês, e Marie Besnard, famosa pelos envenenamentos com arsênico em série. (2021, p. 31)

A relação entre a foto e as lembranças daquele período é feita posteriormente à descrição da imagem. Enquanto criança, a autora explica que não tinha a dimensão do que estava acontecendo e que a reflexão sobre tal momento havia ficado sob sua responsabilidade durante a escrita da narrativa. Naquele período, a família da autora, segundo ela, vivia em uma situação difícil. Nesse trecho, as memórias individuais do passado são acessadas e colocadas na primeira pessoa do plural: "vivíamos bem próximos da merda" (ERNAUX, 2021, p. 33). O uso do pronome "nós" fortalece a ideia de coletividade, que permeia toda a narrativa. Como ressalta Campos, "um 'nós' composto de tantas outras pessoas, de tantos outros grupos sociais e de tantas outras vozes" (2022, pp. 12-13). A memória, nesse contexto, é compartilhada não apenas com sua família, mas com um coletivo mais amplo, como se a autora pudesse representar a história de muitos outros indivíduos.

Le Goff (1990) explora a relação entre a história e a memória, argumentando que a construção social é influenciada por memórias coletivas e pessoais, assim como as da autora francesa, sua família e todos que vivenciaram esse período:

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da História. (LE GOFF, 1990, p. 205)

O pesquisador destaca a importância de distinguir passado e presente na consciência coletiva e histórica, sugerindo que essa distinção vai além da memória coletiva e da história tradicional, devendo ser analisada sob outras perspectivas. A memória coletiva,

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

como exemplificada por Ernaux, não é apenas um conjunto de fatos históricos, mas uma construção social dinâmica, constantemente revisitada e reinterpretada. O presente, ao revisitar o passado, é marcado pela tensão entre memória individual e história coletiva, revelando-se essencial para compreender como as sociedades constroem a sua história.

As fotografias, em preto e branco, descritas na obra de Ernaux, estão dispostas em ordem cronológica e descrevem momentos até a infância de seu filho no inverno de 1967. Na primeira foto com cor, a descrição inicial avisa: “foto colorida:” (2021, p. 126) e, logo abaixo, a explicação sobre as personagens; as narrativas sobre as fotos geralmente contém as datas, os detalhes das roupas e objetos e as lembranças que essa imagem provocou.

As memórias de família, dos costumes da sociedade e do país, tais como acontecimentos na política e na cultura, permeiam uma obra em que a história é reconstituída por meio das imagens recheadas de detalhes e da criação de um gênero literário único, sendo possível reconhecer certos “desvios” que a escrita biográfica moderna faz. Campos explica: “Vale pontuar que a escrita de si não é considerada um gênero literário, mas uma forma literária que engloba diversas expressões do “eu”, isso dentro do cenário contemporâneo apresenta ser um fenômeno recente”(2022, p. 17).

A primeira fotografia colorida descrita na narrativa de Ernaux surgiu no final dos anos 70, trazendo consigo, segundo ela, o surgimento de uma nova memória. Acrescenta que “a memória estava ficando mais curta nos encontros familiares” (2021, p. 121), pois a televisão estava se tornando popular em sua função de distrair as pessoas que, aos poucos, começaram a esquecer os eventos difíceis vividos.

Além disso, outro sentimento de perda é narrado pela autora:

a morte de intelectuais e cantores aumentava o sentimento de desolação daquele momento. Roland Barthes tinha ido cedo demais. A morte de Sartre era previsível e, quando chegou, foi majestosa, com um milhão de pessoas acompanhando um cortejo fúnebre e o turbante de Simone de Beauvoir que escorregou bem na hora em que o caixão desceu. Sartre tinha vivido o dobro de tempo de Albert Camus – enterrado, desde há muito, ao lado de Gérard Philipe, no mesmo túmulo, no inverno de 1959-60. (2021, pp. 120, 121)

Há, ainda, o relato do avanço da tecnologia descrito por ela da seguinte forma:

Precisávamos nos atualizar comprando um aparelho de DVD, uma câmera digital, um PM3 player, um modem ADSL, uma tevê de tela plana, a mudança era constante. Não acompanhar os novos produtos significava aceitar o envelhecimento. À medida que o desgaste deixava marcas na pele, que ele

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

afetava insensivelmente o corpo, o mundo nos enchia de coisas novas. Nosso desgaste e a marcha do mundo iam em direções contrárias. (2021, p. 199)

A passagem do tempo é marcada com a velocidade do avanço tecnológico e a sensação de que tudo estava passando mais rápido: “o clique saltitante e veloz do mouse na tela era a medida do tempo” (ERNAUX, 2021, p. 202). E, rapidamente, a exemplo do Google, tem-se acesso a qualquer conteúdo e imagem à nossa disposição. Ela observa que embora esta outra forma de acessar o passado, que difere da forma com a qual ela apresenta sua narrativa, tenha se tornado mais fluido, confere um baixo teor de lembranças reais (2021).

Esse avanço nos leva a lembrar da concepção de um mundo líquido, como bem nos explica Bauman.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento. (2005, p. 32)

Essa velocidade de mudança, principalmente com relação à fotografia e aos novos avanços tecnológicos, causou certo receio de que essas memórias se apaguem e que se apresente, segundo Campos:

[...] um desejo de escrever um livro, desejo este motivado pelo medo de que um dia as memórias se percam e as pessoas futuras da família saibam pura e simplesmente os nomes daqueles que fizeram parte do seu passado familiar e nada mais. Para a autora, a escrita é uma forma de manter-se viva na história ao longo dos anos. (2022, p. 12)

Além do esquecimento, a autora pode querer fugir também de “um mundo esvaziado de valores que finge ser duradouro” (BAUMAN, 2005, p. 59). Precisa-se imprimir uma marca nesse mundo fluido e em constante mudança, deixando escrita sua trajetória no tempo ao contar sua história de vida e preservar partes da história coletiva.

Ernaux percebe o processo de aceleração do tempo e, ao descrever sua última fotografia, faz um percurso inverso:

Ao contrário da adolescência, em que tinha certeza de já não ser a mesma pessoa de um ano para o outro (às vezes até de um mês para o outro), enquanto o mundo ao redor permanecia imutável, agora é ela que se sente imóvel em um mundo que se transforma. (2021, p. 212)

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

A partir desse ponto, a narrativa enfatiza a rapidez e a intensidade das mudanças tecnológicas e sociais. As mudanças na vida da autora seguem rápido também. O fim do relacionamento com um homem mais jovem (sem nome na narrativa), a aposentadoria, o diagnóstico de câncer, o nascimento de um neto, um novo amor, a morte de sua gata preta e branca e, por fim, o falecimento do homem mais velho – seu primeiro amor após o divórcio – são eventos que marcam sua trajetória e refletem a passagem do tempo. Esses acontecimentos, interligados, ilustram como a vida pessoal se entrelaça com as transformações externas, evidenciando o impacto da tecnologia e das mudanças sociais na percepção do tempo.

A autora conduz a narrativa com profundidade, justificando-se ao afirmar que tudo o que o mundo inscreveu nela e em seus contemporâneos servirá para reconstruir um tempo comum, aquele que se estende do passado distante até o presente. Dessa forma, ao conectar a memória individual à memória coletiva, Ernaux busca revelar a dimensão vivida da história, transformando lembranças pessoais em um testemunho compartilhado.

Conclusão

A análise de *Os Anos* revela uma conexão profunda entre as memórias individuais e coletivas, em que utiliza sua vivência pessoal para pintar um retrato de sua época, tanto íntimo quanto universal. Ao adotar um estilo de escrita que difere da autobiografia convencional, Ernaux recorre à fotografia e à narrativa impessoal para investigar a construção do tempo, da memória e da história. Ao longo do livro, ela não apenas revisita sua própria trajetória, mas também inscreve suas memórias dentro de um contexto histórico mais amplo, caracterizado por intensas transformações sociais, políticas e culturais.

Pensadores como Le Goff, Barthes e Assmann ressaltam como a memória e a história estão interligadas de maneira complexa e como o modo de preservar e compartilhar as memórias influencia a formação do passado coletivo. Ao recorrer às suas próprias lembranças e à memória social de sua geração, Ernaux demonstra como os eventos históricos são vividos de forma única e como as experiências pessoais se entrelaçam com a história coletiva e as memórias compartilhadas de uma sociedade.

A decisão de não incluir as fotografias, mas sim descrevê-las detalhadamente, reforça o distanciamento que a autora mantém em relação ao objeto e, simultaneamente, sua habilidade de analisar o impacto dessas imagens enquanto documentos históricos. A fotografia, conforme discutido por Barthes, não é simplesmente uma representação do passado, mas, sim, um objeto que provoca emoções e reflexões sobre o que foi e o que

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

permanece. Ao trabalhar com esse conceito, Ernaux revela o poder da fotografia como um testemunho de experiências individuais e coletivas que transcende o tempo.

Em suma, *Os Anos* se revela não apenas como uma obra de memórias, mas como uma reflexão sobre a reconstrução do passado a partir da memória, da vivência e da história compartilhada. A autora nos convida a refletir sobre a relação entre a experiência pessoal e os grandes eventos históricos, mostrando como as memórias individuais, muitas vezes silenciosas, entrelaçam-se na construção do tecido social e histórico que nos une. Ao revisitar seu passado, ela nos faz questionar a forma como as histórias são contadas, preservadas e difundidas e qual papel a memória possui na formação da identidade pessoal e coletiva.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAMPOS, Ludmila da Silva. **A produção discursiva do sujeito autobiográfico: uma análise de *Os anos*, de Annie Ernaux**. 2022. 102 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - UEMA, São Luiz, 2022.

ERNAUX, Annie. **Os anos**. Trad. Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão... [et al.] – Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

TEIXEIRA, Cristiane Garcia. **Espaços da recordação: para uma teoria da memória cultural**. Revista Santa Catarina em História (UFSC) v.13, n.1, , p.116-121, 2019.

DOSSIÊ “MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA”

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

PHOTOGRAPHY, MEMORY, AND HISTORY IN *THE YEARS* BY ANNIE ERNAUX

Juscimara Andrade

Universidade Federal de São João del-Rei

juandrade.85@hotmail.com

ABSTRACT

The article examines the use of photographic descriptions in the construction of Annie Ernaux's book, *The Years* (2021), winner of the 2022 Nobel Prize in Literature. It establishes a dialogue between the photographs described in the work and the historical events that marked the last six decades of the 20th century. The book narrates her personal experiences during this period through photographic descriptions that play a central role in the narrative's structure, intertwining her memories with historical events and time to create a connection between them. The analysis was based on a bibliographic review, relying on authors such as Aleida Assmann (2011), Roland Barthes (1984), and Jacques Le Goff (1990), who discuss cultural memory, the nature of photography, and the role of memory in the development of historical narratives. It investigates how the descriptions of the images evolve into visual testimonies of individual memory, thereby revealing social, political, and cultural transformations. It concludes that photography, as a document, is essential for preserving individual and collective memory, serving as a testament to the past.

Keywords: History; Memory; Photography; Annie Ernaux.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

FOTOGRAFÍA, MEMORIA E HISTORIA EN *LOS AÑOS* DE ANNIE ERNAUX

Juscimara Andrade

Universidade Federal de São João del-Rei

juandrade.85@hotmail.com

RESUMEN

Este artículo analiza el uso de las descripciones fotográficas en la construcción de la historia en el libro *Los años* (2021), de Annie Ernaux, ganadora del Premio Nobel de Literatura 2022, estableciendo un diálogo entre las fotografías descritas en la obra y los acontecimientos históricos que marcaron el período retratado. La obra narra sus experiencias personales a lo largo de seis décadas a través de descripciones fotográficas que desempeñan un papel central en la estructura narrativa, entrelazando sus recuerdos con eventos históricos y el tiempo, creando una conexión entre ellos. El análisis se basó en una revisión bibliográfica, apoyándose en autores como Aleida Assmann (2011), Roland Barthes (1984) y Jacques Le Goff (1990), que abordan la memoria cultural, la naturaleza de la fotografía y el papel de la memoria en la construcción de las narrativas históricas. El análisis investiga cómo las descripciones de las imágenes se convierten en testimonios visuales de la memoria individual relacionada con la memoria colectiva, revelando transformaciones sociales, políticas y culturales. Se concluye que la fotografía, como documento, es esencial para la preservación de la memoria individual y colectiva, siendo un testigo frente al pasado.

Palabras-clave: Historia; Memoria; Fotografía; Annie Ernaux.

DOSSIÊ "MÍDIA, IMAGEM & MEMÓRIA"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 1	1-17
----------------------------	-------------	-------	------	------